Diálogos
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Nacional Timor Lorosa'e

Diálogos Volume 07
ISSN em linha 2789-2182 2022
ISSN impresso 2520-5927
dialogosuntl.com
https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.7.97

APRESENTAÇÃO

PRESENTATION

Alessandro Boarccaech

Universidade Nacional Timor Lorosa'e
Editor Revista Diálogos

Publicado: 17 de novembro de 2022

APRESENTAÇÃO[1]

O ano de 2022 marca o 20° aniversário da restauração da independência de Timor-Leste. Com o intuito de celebrar esta importante e significativa data, a revista *Diálogos* propõe o tema: Timor-Leste – Passado, presente e futuro. Nesta sétima edição, reunimos artigos que abordam múltiplas experiências e narrativas acerca das dinâmicas sociais, dos sistemas educativo, político e de saúde, relações de poder, produção de conhecimento e aspectos simbólicos da sociedade timorense.

Timor Lorosa'e, embora seja uma nação jovem, possui uma história milenar. Situado no Sudeste Asiático, entre o arquipélago indonésio e a Austrália, Timor possuía uma localização estratégica durante os fluxos migratórios e de comércio, notadamente, entre as regiões da Melanésia e da Polinésia. Sendo assim, a ilha de Timor foi utilizada como local de passagem por diferentes grupos como, por exemplo, os veudo-australoides (± 7,000 a.C.), os papua-melanésios (± 3,500 a.C.), os proto-malaios (± 2,500 a.C.) e os deutero-malaios (± 500 a.C.). Há, inclusive, indícios arqueológicos de que a presença humana no território remonta há pelo menos 40,000 anos.

Vários séculos antes da chegada dos portugueses a Timor – nas primeiras décadas do século XVI –, os malaios, os árabes e os chineses já frequentavam a ilha, visando o comércio com as comunidades locais. A palavra *malae*, maneira como os timorenses designam os estrangeiros, remonta ao período quando os malaios frequentavam a ilha. Antes da chegada dos portugueses e dos holandeses ao território, a parte oriental, hoje Timor-Leste, estava dividida em vários reinos, com suas próprias práticas sociais, idiomas e histórias. Estes reinos pagavam tributos ao reino dos Belos – moradores da região, atualmente, conhecida como Suai – que falavam o *tetun terik*, idioma base do *tetun-prasa* – a língua de contato que, após a restauração da independência, tornou-se um dos idiomas nacionais, junto com o português.

[1] https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.7.97

A exaltação das qualidades individuais, da beleza natural (das montanhas e do mar), dos aspetos culturais, da diversidade linguística, da música, da espiritualidade, das habilidades com a pesca e artesanato, do sorriso e cordialidade, do passado de resistência ao invasor são narrativas constantes quando se fala sobre Timor. Reconhecer estas (e as muitas outras) qualidades é importante e contribui, entre outros fatores, para a construção dos sentimentos de coletividade, pertencimento, valorização, unidade e de possíveis identidades nacionais. Contudo, para o amadurecimento de qualquer sociedade, se faz necessário também reconhecer e enfrentar as dificuldades, os paradoxos, identificar os *valores* (no sentido que Max Weber atribui ao termo), os *campos* de disputa de poder e seus respectivos *habitus* e *capitais* (a tríade de conceitos base da teoria da prática sugerida por Pierre Bourdieu para a análise dos fenômenos sociais). Em outras palavras, romper silêncios que contribuem para um sistema de dominação, desigualdades e alienação social.

Atualmente a sociedade timorense enfrenta alguns dilemas que impactam a vida das pessoas e a dinâmica social, como a pobreza, o desemprego, a violência de género, a xenofobia – tanto em relação ao estrangeiro de outra nação, como entre os próprios timorenses de diferentes regiões, ou os retornados a partir de 2000 –, um sistema de educação frágil, a pouca mobilidade social, a urbanização descontrolada, a falta de saneamento básico, a discriminação para com as pessoas com transtornos mentais, o analfabetismo funcional, o preconceito para com os homossexuais, a concentração de renda, o desconhecimento sobre o seu passado, a dificuldade em lidar com a diferença de ideias, a tendência ao uso da agressividade física e verbal para resolver conflitos, entre outros. Embora estes não sejam problemas exclusivos do Timor, possuem idiossincrasias próprias ao contexto sócio-histórico timorense. Falar sobre estes assuntos, entretanto, é quase um tabu. Aqueles que desafiam o silêncio correm o risco de serem rotulados de traidores, maus cidadãos, loucos, interesseiros, arruaceiros, que não entendem a sociedade e a cultura local, entre outros argumentos *ad hominen*.

Apesar das leis, normas, manuais e formações, a educação nas escolas primárias e secundárias passou por uma *modernização conservadora*, sendo que

o sistema educativo ainda convive com posturas autoritárias dos professores e a utilização da punição como recurso legítimo e eficaz para o processo de ensino-aprendizagem. Até hoje, muitas das salas de aula são precárias, faltam livros e material didático, falta energia elétrica, professores lecionam disciplinas para as quais não possuem formação adequada e há turmas sobrelotadas. Não é incomum estudantes ingressarem na universidade com dificuldades de compreensão de texto, de argumentação escrita e, inclusive, sem terem lido um único livro.

A própria universidade precisa repensar o seu papel enquanto agente de análise do contexto social e das estruturas de poder e como um meio de produção e disseminação do conhecimento. Qual o estímulo que as universidades oferecem aos alunos para desenvolverem um pensamento crítico-analítico? Quais pesquisas são realizadas pelas universidades? Qual o lugar que a *complexidade*, proposta por Edgar Morin, tem na produção científica? Por que há poucas revistas académicas? Por que algumas revistas são descontinuadas após os primeiros números? Por que os pesquisadores e os professores universitários não publicam, ou publicam esporadicamente, em revistas académicas? O que pensam os *intelectuais orgânicos* (que, segundo Gramsci, são fundamentais para o processo de mudança estrutural da sociedade)? O que os pesquisadores fazem com as *anomalias* – conceito sugerido por Thomas Kuhn – em suas pesquisas, ou ainda, as conclusões apenas seguem vieses de confirmação ou compreendemos aquilo que Karl Popper chamou de *falseabilidade* nos métodos científicos? Qual o papel das universidades e, nomeadamente, de uma universidade pública, num país com as características de Timor-Leste?

Em Timor, há um sistema de crenças e práticas associado aos antepassados que vigora até hoje. Este sistema não é homogéneo, pois apresenta variações de uma comunidade para outra. As regras de convivência, a resolução de conflitos, os casamentos, a demarcação do território, códigos morais, as histórias dos antepassados, hierarquias, vínculos familiares, os nomes próprios e uma variedade de outros elementos da sociabilidade timorense são regulados pelo que se convencionou denominar, no léxico tétum, de *Lisan*. Todo o contexto que envolve as *Lisan* contribui para o movimento contínuo e dinâmico de

produção e reprodução de *semioses* na sociedade timorense. Apesar das *Lisan* serem importantes, muitas pessoas não entendem determinadas regras e não conhecem as suas histórias de origem. Por que as pessoas não conhecem os seus mitos, ou conhecem somente fragmentos destes? O que está a ser feito, de maneira efetiva, para preservar e desenvolver as línguas maternas?

Recentemente, Timor-Leste passou a ser manchete nos noticiários internacionais e nacionais pelo deslocamento de jovens em busca de trabalho, nomeadamente a Portugal. Com a promessa de emprego, local para morar e bons salários, centenas de pessoas pagaram em média US$ 3,000 dólares a agências de viagens sediadas em Díli (para pagar supostas taxas de emissão de documentos e bilhetes, apenas de ida, a Portugal). Contudo, as pessoas estão a viver em condições precárias, sem trabalho, algumas delas morando na rua, e endividadas com os empréstimos adquiridos para pagarem aos 'empresários' que organizaram a viagem. Estes 'empresários' precisam ser responsabilizados por terem enganado as pessoas com promessas falsas. No entanto, é necessário, também, perguntarmos: o que levou estas pessoas a saírem de Timor? O que fez estas pessoas irem buscar trabalho sem nenhuma garantia (e de forma ilegal) em outro país? Como este negócio que mobilizou centenas de pessoas passou despercebido pelas autoridades locais? Onde está o jornalismo investigativo? O que os sucessivos governos, desde a restauração da independência, fizeram para estimular o mercado de trabalho e a empregabilidade de uma população que cresce significativamente a cada ano?

A sociedade timorense atual possui uma estreita ligação com o cristianismo católico. Entre 2021 e 2022, a comunidade cristã vivenciou dois momentos que mobilizaram os fiéis. Um padre (fundador de um abrigo em Oecusse para crianças e adolescentes carentes) e um bispo (laureado com o Nobel da Paz), ambos com destaque entre os grupos católicos locais e que tiveram um significativo papel durante a resistência à ocupação indonésia, foram punidos pelo Vaticano pela prática de abusos sexuais contra crianças e adolescentes. Entre as perguntas que podemos fazer a partir dos desdobramentos destes dois casos, estão: por que, para várias pessoas, as vítimas passaram a ser consideradas culpadas? Por que as vítimas de abuso sexual são

ditas 'estragadas'? Por que parte da sociedade timorense contesta as decisões do Vaticano e levanta suspeitas sobre a veracidade das acusações? Por que muitas pessoas 'adoram' determinados integrantes do clero, ao ponto de não questionarem as suas palavras e ações?

Entre as diversas perguntas possíveis de serem feitas, incluo: há renovação de poder ou o poder está concentrado nas mãos de algumas poucas famílias? Qual o projeto de nação que a elite económica e política tem para o Timor-Leste? Qual o papel do povo neste processo de construção da nação? Por que o sacrifício de animais para celebrar alguma data importante ou prestar homenagens aos antepassados ainda é feito, em grande parte, com métodos que se assemelham à tortura? Por que alguns grupos de artes marciais cometem crimes transgredindo os seus próprios princípios e normas internas? Por que as famílias sentem vergonha e escondem as pessoas com transtornos mentais? Por que as mulheres são ensinadas a viverem em uma posição de subalternidade em relação aos homens?

Timor-Leste passou por diversos conflitos com nações estrangeiras, como os movimentos de resistência ao domínio português, à invasão japonesa na Segunda Guerra Mundial e à invasão indonésia em dezembro de 1975. Todos estes conflitos deixaram suas marcas físicas, sociais, emocionais e psicológicas, sendo que os impactos destes sucessivos conflitos nas relações interpessoais, nas dinâmicas sociais e na maneira como as pessoas pensam a si mesmas ainda estão por serem mensurados. Entretanto, não se pode considerar esses impactos sem refletir, também, sobre o significado – e as implicações – de conflitos protagonizados por atores locais, como o genocídio de uma das comunidades de Ataúro entre o final do século XIX e início do século XX; a participação dos *asua'in* no massacre em Manufahi em 1912, ou em Viqueque em 1959; nas benesses recebidas por alguns integrantes das elites em troca de apoio ao governo português (por vezes, para combaterem as comunidades vizinhas); nas milhares de mortes ocorridas em 1975, resultado dos conflitos envolvendo os dois principais partidos políticos da altura; ou na participação de timorenses nas milícias, durante a ocupação indonésia.

A lista de perguntas a serem feitas (e as múltiplas maneiras de fazê-las) é longa e não se esgota neste texto. O objetivo desta "apresentação" é estimular o diálogo franco sem ufanismos, moralismos, relativismos ou generalizações, platitudes teóricas, anacronismos e falácias lógicas, mas com serenidade, empatia, honestidade intelectual, dialética e abertura ao contraditório. Dialogar com as nossas qualidades e dificuldades – tanto individuais como coletivas –, bem como conhecer o passado, pode nos ajudar a mudar o presente e planear o futuro.

Alessandro Boarccaech
Editor Revista Diálogos

Direitos Autorais (c) 2022 Alessandro Boarccaech

Este texto está protegido por uma licença *CreativeCommons*

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

Resumodalicença *Textocompletodalicença*